

REFLEXOS DO PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO NA CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

Maria da Conceição Calmon Arruda

Resumo

Analisa o processo de globalização e as mudanças decorrentes da intensa utilização da ciência e da técnica na sociedade contemporânea, seus efeitos no mundo do trabalho e na capacitação profissional. A partir de uma revisão de literatura, quatro tópicos foram abordados: o processo de globalização e o Estado Nação, a aldeia global, a revolução informacional e a capacitação profissional. O cenário parece mostrar uma situação paradoxal na América Latina, onde um grupo usufrui dos serviços eficientes técnico-informacionais e outro luta contra a falta de recursos humanos e financeiros.

Palavras-Chave

Globalização; Estado Nação; Aldeia Global; Revolução Informacional; Capacitação Profissional; Profissional da Informação; Sociedade da Informação.

INTRODUÇÃO

Às portas do terceiro milênio a área de informação latino americana vive um momento único, ao vislumbrar no desenvolvimento tecnológico a possibilidade de interatividade com o acervo informacional mundial.

Se a invenção da imprensa foi revolu-

cionária ao viabilizar uma maior disseminação de conceitos e idéias, a era virtual é transgressora, na medida em que redefine o conceito de acesso à informação. O cenário atual é marcado por mudanças constantes, com uma intensa utilização da ciência, da técnica e da informação no cotidiano das pessoas, nos lugares. A tecnologia aproxima os países permitindo o acompanhamento global de informações e acontecimentos, assim como a internacionalização

das atividades culturais.

Contudo são os países e as organizações com tradição em pesquisa e desenvolvimento que detêm os instrumentos necessários para a compressão do tempo e do espaço, num processo de unificação que permite o monitoramento do mundo e a globalização dos lugares.

O objetivo deste trabalho é identificar os efeitos do processo de globalização da economia na capacitação profissional, a partir da análise: (1) do processo de globalização e o Estado Nação, (2) da Revolução Informacional, (3) da Aldeia Global e (4) e das mudanças na capacitação profissional.

1 PROCESSO DE GLOBALIZAÇÃO E O ESTADO NAÇÃO

Para a maioria dos autores a globalização da economia não é um produto de nosso tempo, mas sim uma nova etapa na internacionalização dos mercados, que têm sua gênese nas grandes navegações, quando as nações se lançaram ao mar em busca de novos mercados. Entretanto, a percepção de como esse processo se instala nas diversas regiões e suas consequências gera conflito entre os estudiosos.

Enquanto para uns o processo de globalização em curso estimula a competitividade internacional, garantindo

aos consumidores produtos e serviços de qualidade, além de intensificar as relações comerciais, científicas, culturais, etc., possibilitando aos países periféricos a interatividade em tempo real com os países centrais, para outros, estaríamos diante de um novo processo de acumulação que privilegia a internacionalização do capital financeiro em detrimento do capital produtivo. Tal processo, diferentemente do fordismo, não visa a integração social, na medida em que não consegue assegurar o pleno emprego, a manutenção dos benefícios do Estado Providência, muito menos as conquistas trabalhistas¹. Sob essa ótica a globalização seria um processo sem arcabouço conceitual, fragmentado, calcado em interesses particulares, usado como estratégia na planetarização dos países periféricos pelos países da Tríade² (Chesnais, 1997; Harvey, 1993; Ianni, 1997; Lastres, 1997; Longo, 1976).

Paralelamente ao discurso de queda de barreiras comerciais e tarifárias, integração e compartilhamento global, disseminação de informações, liberação das fronteiras... são exigidos padrões de qualidade que os países periféricos ainda não

¹ “Estamos portanto diante de um retorno ao imperialismo clássico, bem como de um reforço de seus traços fundamentais... As transformações do regime de acumulação não tem nada irreal. O discurso sobre a ‘mundialização dos benefícios’ é a cobertura ideológica que busca mascarar os fundamentos do regime de acumulação financeira-rentista, bem como seu pobre desempenho em termos de desenvolvimento...”(Chesnais, 1997).

² Estados Unidos, Japão e alguns países da Europa Ocidental

alcançaram, o que os obriga a se adequarem a normas e modelos externos: leis de proteção e preservação ambiental e da natureza, medidas fitosanitárias, padrões ecológicos, etc.

São barreiras invisíveis na medida em que trazem embutidos um imaginário de progresso, de qualidade de vida com o qual os países periféricos, muitas vezes, não têm condições de competir. Quanto ao compartilhamento, integração e disseminação de informações estudos indicam uma concentração dos resultados de Pesquisa e Desenvolvimento nos países da Tríade (Lastres, 1997).

A necessidade das regiões em se adaptarem à dinâmica da globalização fez com que essas adotassem normas e regras ditadas pelo mercado e por organismos internacionais a fim de criarem condições ideais para atração de investimento externo. Os processos de circulação e distribuição deixam de ser locais e passam a ser subordinados/integrados à economia mundial, criando uma interdependência entre os lugares. Esse redimensionamento não acontece de forma uniforme, mas num processo de centralização, em que alguns espaços são privilegiados em detrimento de outros (Ianni, 1997; Santos, 1997)

No que diz respeito ao fim do Estado-Nação, que sucumbiria à dinâmica da globalização, tendo no mercado um gestor mais adequado e competente, mediante os déficits crescentes apresentados pelos

estados, a análise de Oliveira (1988) sobre a crise do Estado-Providência é providencial e elucidativa. Segundo esse autor o que está em crise é o padrão de endividamento do Estado Nação, pois a internacionalização das empresas/capital fez com o investimento realizado pelo Estado-Providência na formação da força de trabalho não encontrasse retorno na forma de arrecadação fiscal. Como essas empresas não pagam imposto para o país de origem, rompe-se o ciclo perfeito keynesiano, tendo como resultante uma crise fiscal e o conseqüente déficit público. A crise do Estado-Providência levou à crise fiscal do Estado que se mostra incapaz de manter os mesmos níveis de financiamento social e de reprodução do capital, sem se endividar.

Para Fiori (1997), como os governos latino-americanos não conseguiram propor uma alternativa ao projeto de globalização liberal, a questão que se coloca é de que forma vamos nos inserir nesse processo e a que custo social, uma vez que a associação da idéia de progresso ao processo de expansão capitalista se mostra falaciosa, na medida em que as conquistas materiais não se transmutaram numa melhora das condições socioeconômicas da população, mas sim em um aumento da concentração e centralização de riquezas, num processo que escapa ao controle dos países periféricos, que ficam a mercê do fluxo de capitais especulativos privados, os quais são atraídos mediante a garantia de condições estáveis de governabilidade, flexibilização das leis trabalhistas, privatização, abertura

de mercado, etc³.

2 ALDEIA GLOBAL

Os avanços técnicos, principalmente na área de comunicação e informática permitiram a configuração da metáfora da Aldeia Global, da celebração da união do globo mediatizada pela mídia audiovisual, onde todos desfrutariam dos benefícios decorrentes do desenvolvimento tecnológico.

Os meios de comunicação reforçam essa ilusão ao brindarem as audiências mundiais com fatos e imagens quase instantâneas dos principais acontecimentos mundiais, na maioria das vezes apresentados desvinculados de suas materialidades. Que a comunicação tem um papel de destaque no atual estágio da sociedade contemporânea é indiscutível, entretanto a compreensão da realidade, sua decodificação e entendimento dependem de uma contextualização histórica. Mas a metáfora da Aldeia Global tece um imaginário que ignora as diferenças nacionais, regionais,

etc., calcando-se em imagens, em signos e não em conceitos. ‘...dá a impressão de que tudo é presente presentificado, lugar sem raiz, fato sem história nem memória’ (Ianni, 1997, p.103).

A maximização dos meios de comunicação e informação não teve como contrapartida a descentralização da seleção e distribuição de notícias que se encontram a cargo de umas poucas agências de notícias sediadas nos países centrais⁴, estando sua disseminação e acesso sujeitos a interesses hegemônicos, e não a capacidade técnica de transmissão e recepção.

Durante a Conferência da International Telecommunication Union de 1994, em Buenos Aires, o vice-presidente americano Al Gore exortou a união dos participantes em torno da construção da Infra-estrutura Global de Informações – GII, cuja concretização levaria a uma interconexão global e à melhoria das condições econô-

³ “descontados os investimentos financeiros ou ‘especulativos’, em 1995 restaram 315 bilhões de dólares para investimentos diretos. Mas, destes, mais ou menos 70% dirigiram-se aos próprios países da Tríade, e, dos cem bilhões restantes, 30% foram para a China, e, bem mais abaixo, 7% foram para o México, 4,9% para o Brasil e só 3,9% para a Argentina. Deste total, por outro lado, há que se lembrar, 229 bilhões foram destinados exclusivamente a fusões e incorporações sem implicar aumento de capacidade produtiva e produzindo, quase invariavelmente, diminuição dos postos de trabalho” (Fiori, 1997, p. 219-220).

⁴ “A very small number of countries are responsible for transmitting most of the information received worldwide. On a daily basis the United Press International (UPI) and Associated Press (AP) in the United States, TASS in USSR, Reuters News Service in Great Britain, and Agence France-Presse (AFP) in France, collect, process and disseminate millions of pieces of informations to large and small countries” (Janelle, 1991, p. 60). “Poucos países são responsáveis pela transmissão da maior parte da informação que é recebida no mundo. Diariamente a United Press International (UPI) e a Associated Press (AP) nos Estados Unidos, a TASS na (antiga) USSR, Reuters News Service na Grã-Bretanha, e Agence France-Presse (AFP) na França, coletam, processam e disseminam milhões de pedaços de informações para países pequenos e grandes” (Janelle, , 1991, p. 60).

micadas dos países. *There are those who say the lack of economic development causes poor telecommunications. I believe they have it exactly backwards. A primitive telecommunication systems causes poor economic development*⁵. Sob essa ótica o desenvolvimento estaria condicionado a uma infra-estrutura física de telecomunicações e não a uma capacidade interna dos países em pesquisa e desenvolvimento.

O discurso de Al Gore é permeado por duas linhas básicas que se conflituam. A primeira defende a privatização do setor de telecomunicações e sua auto-regulamentação a partir do incremento da competitividade, o que levaria as empresas de telecomunicações latino-americanas a um processo de melhoria contínua e a uma redução dos custos de telefonia para o usuário final, como ocorreu nos EUA; a segunda acena com a possibilidade de disponibilização social das tecnologias de comunicação e informação através de serviços públicos, saúde e educação.

Para Schiller (1997) as promessas de benefícios sociais da Global Information Infrastructure – GII dificilmente serão realizadas, pois ao delegar sua implementação e financiamento a capitais particulares capacitam-se as organizações transnacionais como seus principais usuários, o que pode

⁵ “Algumas pessoas creditam a desatualização do sistema de telecomunicações ao subdesenvolvimento econômico. Eu acredito no inverso. Um setor de telecomunicações primitivo é que causa um fraco desenvolvimento econômico” (Gore, 1994, p. 7).

resultar em um mercado global regulado pelo lucro e pela conveniência de seus implementadores⁶.

Ao propor a Biblioteca Digital Global, a partir da interligação de todas as bibliotecas do planeta, Al Gore não explicita em que língua(s) seria essa conexão, nem leva em conta as diferenças socioeconômicas e culturais dos países, uma vez que, se o ambiente informacional é uma realidade nos EUA, em alguns países periféricos não chega sequer a ser uma abstração.

É importante refletir de que forma a América Latina, que se debate para aumentar a escolaridade média de sua população, que luta para a erradicação de doenças infecto-contagiosas, onde a relação de telefones por habitantes está longe da ideal, para não falar no custo de conexão, etc., poderia interagir como sujeito na construção e operacionalização da GII proposta por Gore.

⁶ “These ‘information users’ are none other than transnational corporations. They constitute the driving force for the creation of a global marketplace, for a deregulated world arena, and for global production sites selected for profitability and convenience – which are also the central considerations behind the National Information Infrastructure (NII) and the GII. Esses ‘usuários da informação’ não são outros que as corporações transnacionais. Elas constituem a força vital para a criação de um mercado global, para a desregulamentação mundial, e para a produção global de locais selecionados pelo lucro e pela conveniência – que são os objetivos atrás da Infra-estrutura Nacional de Informação (NII) e da GII” (Schiller, 1995, p. 20).

3 REVOLUÇÃO INFORMACIONAL

A intensificação da competição entre as organizações levou à necessidade de rápida incorporação das inovações tecnológicas à produção. Com o desenvolvimento tecnológico, a indústria passa a se organizar sobre uma nova base técnica, eletroeletrônica, em substituição à eletromecânica que permeou o fordismo. A informação passa a ser a força motora do novo modelo econômico, em substituição à energia. Essa mudança levou alguns autores, num paralelo com a Revolução Industrial, a denominarem o momento atual de Revolução Informacional⁷, num reconhecimento tácito de que os detentores dos mecanismos de gestão e monitoramento da informação superam seus concorrentes, sejam estes países, organizações ou indivíduos (Ferreti, 1996; Lastres, 1997).

Contudo, diferentemente da Revolução Industrial, quando se culpavam as máquinas pelos problemas e reacomodações socioeconômicos e culturais resultantes de seu emprego e utilização, percebe-se hoje que a relação de inclusão/exclusão ao novo modelo econômico não é um subproduto das máquinas, mas sim das relações políticas e econômicas que determinam sua uti-

lização e do processo de hierarquização e exclusão que se desencadeia (Santos, 1997).

O centro de interesse do novo modelo econômico são os dados de monitoramento dos mercados globais os quais vão consubstanciar a tomada de decisão dos gestores das organizações e do capital financeiro. O espaço global é cortado por vários fluxos de informação, cujos graus de importância e qualidade oscilam de acordo com diversos fatores. Mas o gerenciamento e distribuição desses fluxos encontram-se subordinados a interesses hegemônicos e à posição hierárquica de seus atores. *Nesse sentido o espaço global seria formado de redes desiguais... O todo constituiria o espaço banal, isto é, o espaço de todas as firmas, de todas as organizações, de todas as ações - numa palavra, o espaço geográfico. Mas só os atores hegemônicos se servem de todas as redes e utilizam todos os territórios* (Santos, 1997, p. 53).

Trata-se de uma informação específica e especializada que tem como característica principal a atualização constante, podendo provocar entropia naqueles que não possuem os requisitos cognitivos e informacionais necessários para sua decodificação. Sem a compreensão do meio técnico-científico e informacional⁸ e das relações que o concebe e determina, dificilmente poderemos atuar como sujeito

⁷ “As novas tecnologias (microeletrônica, informáticas, químicas e genéticas) se diferenciam das anteriores pelo predomínio da informação sobre a energia... A importância econômica dessa novidade reside no fato de permitir formas mais completas e rápidas de apropriação ou adaptação da matéria, graças ao processamento automático da informação contida na mesma” (Castro, Ramón Peña, p. 6).

⁸ “...meio-técnico-científico, isto é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo de ciência e de técnica.” (Santos, 1997, p. 139).

no processo que se instala (Santos, 1997). (Ferretti, 1996, p. 58).

4 CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

Muito se tem debatido sobre as novas capacitações necessárias aos profissionais da informação para atuarem no novo entorno informacional. Entre os quesitos levantados para conformação do perfil profissional ideal destacam-se a educação continuada e a sensibilidade às necessidades dos usuários e um conjunto de capacitações informais, como flexibilidade a mudanças e a tarefas, adaptabilidade, capacidade de trabalhar em grupo, etc.

As capacitações informais requeridas estão relacionadas às demandas do novo modelo econômico, à dinâmica da organização flexível, que necessita de um trabalhador multifuncional, capaz de operacionalizar, incorporar e efetivar mudanças, pois, com a intensificação da competitividade e a mudança da base técnica, necessita-se de uma racionalização organizacional que agilize a incorporação de inovações e a redução dos custos de produção. Surgem novos modelos organizacionais em contraposição ao modelo taylorista-fordista.

O modelo de produção flexível, que tem sua origem no modelo japonês, toyotismo, desponta como o novo padrão organizacional para a indústria, apesar de esse modelo já estar sendo questionado em seu país de origem e de existirem outros modelos organizacionais de sucesso

O modelo flexível tem como característica a eliminação dos estoques na produção, multifuncionalidade dos trabalhadores, flexibilização da produção, terceirização, parceira com fornecedores, etc.. Dentro da organização flexível convivem empregados centrais, empregados flexíveis, temporários, periféricos; estes últimos excluídos do arcabouço de segurança que envolve os primeiros.

O novo modelo, calcado na flexibilização da produção, privilegia qualificações cognitivas em detrimento das qualificações manuais, mecânicas do fordismo, requerendo dos trabalhadores capacidade de operar e de efetuar as mudanças decorrentes do avanço tecnológico e de adaptar-se a elas. Valoriza-se o aprender a aprender em detrimento do aprender a fazer. Nesse contexto a mudança da base técnica provocou uma desabilitação da força de trabalho.

No que diz respeito ao surgimento de novas ocupações, Assis (1996) observa que não há uma ruptura entre as ocupações dimensionadas sobre uma nova base técnica e as ocupações convencionais, o que existe é uma qualificação adicional que pode ser construída a partir de um conhecimento já sedimentado que passa a se constituir como o ponto de partida da 'nova' qualificação. Segundo a autora, a criação de uma nova ocupação implica que a incorporação de inovações tecnológicas na rotina do trabalho gerou mudanças tão in-

tensas no conteúdo deste que as qualificações anteriores se tornam ultrapassadas⁹.

Para alguns estudiosos a panacéia que envolve as novas qualificações transfere para o trabalhador o ônus do desemprego (por não se ter qualificado adequadamente para o mercado de trabalho), e não questiona a incapacidade do novo modelo econômico em absorver a totalidade dos trabalhadores. A análise de Forrester é que o conflito entre capital e trabalho se deslocou, na medida em que o capital prescinde cada vez mais do trabalho para realizar lucro, condenando a maioria dos trabalhadores a uma busca incessante por algo que já não existe¹⁰ (Ferreti, 1996; Forrester, 1995).

As novas capacitações requeridas dos profissionais da informação são um reflexo da reorganização do mundo do trabalho que requer maior ação cognoscente dos trabalhadores. Contudo a qualidade dessa ação vai depender da capacidade desses profissionais em incorporar e descodificar as mudanças que estão ocorrendo na sociedade e atuando proativamente sobre

⁹ *“Nessa situação, não se trata de adaptar ou reconverter conhecimentos e habilidades do sistema convencional para o ‘novo’, pois as funções emergentes prescindem destes”* (Assis, 1996, p. 191).

¹⁰ *“o ‘trabalho a hora zero’ (zero hour working), praticado na Grã-Bretanha. Os empregados só são remunerados quando trabalham. Normal. Sim. Mas ... eles só são empregados de vez em quando e, nos intervalos, devem imperativamente esperar em casa, disponíveis e não remunerados, até serem chamados pelo empregador quanto este julgar conveniente, pelo tempo que considerar desejável! O empregado deverá então apressar-se para retomar a tarefa por um tempo limitado”* (Forrester, 1997, p. 120).

elas.

Para Trabal (1997) os profissionais da informação latino-americanos não estão atuando como atores no processo informacional. Ao contrário, adotam um atitude passiva diante do caleidoscópio informacional, colocado-se como receptores, não contribuindo para a disponibilização em meio digital de informações que reforcem a cultura e a identidade latino-americanas. A autora ressalta ainda que, se não disponibilizarmos na Internet as informações de nosso interesse, os países do Norte não o farão por nós.

Mesmo na Grã-Bretanha, onde a informatização de acervos e o acesso online não são uma novidade e o próprio conceito de biblioteca eletrônica já vem amadurecendo há mais de 20 (vinte) anos, o nível de envolvimento das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação com os estudos e pesquisas sobre a conformação da Sociedade da Informação não refletem este pioneirismo. As pesquisas sobre Bibliotecas Eletrônicas, estão sendo custeadas sem a participação das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação Britânicas, que correm o risco de formar profissionais dissociados do futuro (Johnson, 1997).

Se explicitar as novas capacitações para o novo modelo é importante, também o é sua contextualização, permitindo que os profissionais da informação tenham uma visão holística do momento atual e não se

sintam marginalizados, inadequados para atuar profissionalmente.

5 CONCLUSÃO

O imaginário em torno das novas tecnologias de comunicação e informação acenam com um mundo mágico e integrador, onde os problemas seriam se não resolvidos, ao menos minimizados pela técnica. Contudo esse imaginário não encontra sua contrapartida real na maioria dos países latino-americanos que carecem de recursos humanos, financeiros e tecnológicos que lhes possibilitem usufruir plenamente do novo entorno técnico-informacional.

O que leva a área de informação latino-americana a uma situação paradoxal/dicotômica, pois, enquanto um grupo celebra e desfruta das novas tecnologias de informação e comunicação, com bibliotecas e centros de informação informatizados, conectados a redes de informações, disponibilizando a seus usuários serviços eficientes e personalizados, o outro luta contra a falta de recursos humanos e financeiros. Muitas unidades de informação convivem com bases de dados on-line, Internet, CD-Roms, sem terem seus acervos registrados e catalogados em sua totalidade.

Falar em globalização da informação sem levar em consideração as diferenças socioeconômicas e culturais da região pode

levar a um processo de exclusão, na medida em que a integração ao cenário informacional não demanda somente uma infra-estrutura física, mas um conjunto de fatores que otimizem sua utilização e possibilitem a integração social.

Para que isso se concretize é necessário organizar-se de forma a usufruir positivamente das novas tecnologias de informação, atuando proativamente no novo cenário informacional, evitando o encantamento tecnológico e estabelecendo políticas claras de informação que privilegiem a sociedade como um todo.

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, Maria da Conceição Calmon. Libraries, new technologies and human resources: the challenge to the 21st century. In: IFLA GENERAL CONFERENCE, 63., Copenhagen, 1997. Copenhagen: *Booklet 0*, 1997. 96 p. p.39-47.
- ARRUDA, Maria da Conceição C. *Revolução informacional, globalização e as mudanças na capacitação profissional*. Rio de Janeiro, 1997. 18 f. mimeo.
- ASSIS, Marisa de. A educação e a formação profissional na encruzilhada das velhas e novas tecnologias. In: FERRETTI, C. F. et al. *Novas tecnologias, trabalho e educação; um debate multidisciplinar*. Petrópolis : Vozes, 1996. 220 p. p.189-217.
- BELLUZZO, Regina C. B. Capacitacion de recursos humanos del Sistema Integrado de Bibliotecas de la Universidad de San Pablo (Brasil). In: INFO'97. Havana. *Anais...* Havana : [s.n.], 1997. p. 65.
- BRASIL, Sérgio de Souza. A internacionalização na produção das informações. In: MORAES, Dênis de (org.). *Globalização, mídia e cultura contemporânea*. Campo Grande : Letra Livre, 1997. p. 235-262.
- CHESNAIS, F. Globalização. *Folha de São Paulo*, 2 nov. 1997. Caderno Especial.
- FERRETTI, C. F. et al. *Novas tecnologias, trabalho e educação; um debate multidisciplinar*. Petrópolis : Vozes, 1996. 220 p. p.54-76.
- FIORI, José Luís. *Os moedeiros falsos*. Petrópolis : Vozes, 1997. 239 p.
- FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo : Ed. UNESP, 1997. 154 p.
- FREEMAN, Chris. *Information highways and social change*. Ottawa : IDRC, 1995. 22 p.
- _____, SOETE, Luc. *Work for all or mass unemployment? computerised technical change into the 21st century*. London : Pinter, 1994. p.39-66.
- GORE, Al. *Building the global information infrastructure (speech)*. Buenos Aires : ITU, 1994. 9f. <http://www.whitehouse.gov/WH/EOP/OVP/html/teleunion.html>
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo : Edições Loyola, 1993. p. 257-275.
- IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997. 225 p.
- JANELLE, Donald G. Global interdependence and its consequences. In: BRUNN, S. D., LEINBACH, T. R. *Inf.Inf., Londrina, v. 5, n. 1, p. 61-72, jan./jun. 2000*

- Collapsing space and time: geographic aspects of communications and information.* London : Harper Collins Academic, 1991. p.49-81.
- JOHNSON, I. M. The Development of education and research for the electronic library; opportunities and challenges. In: IFLA GENERAL CONFERENCE, 63., Copenhagen, 1997. Copenhagen : IFLA, 1997. 7f.
- LASTRES, Helena Maria Martins. *Globalização e o papel das políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico.* Projeto Novas Políticas de Competitividade. Brasília : CEPAL/IPEA, 1997. 44 f.
- _____, AUN, Marta Pinheiro. Os novos requerimentos impostos às políticas nacionais de informação face à globalização e à conformação da sociedade de informação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18., 1997, São Luiz. *Anais...* São Luiz, 1997. 12 f.
- LONGO, Waldimir Pirró e. *Sistema Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: evolução após a 2ª Grande Guerra.* Rio de Janeiro : Escola Superior de Guerra, 1996. 41p.
- MONCADA HERNÁNDEZ, Sandra G.; ORTEGA CARRASCO, Laura. Los requerimientos educativos para la actualización del profesional moderno de la información. In: INFO'97, Havana. *Anais...* Havan : [s.n.], 1997. p. 30.
- OLIVEIRA, Francisco de. O surgimento do antivalor; capital, força de trabalho e fundo público. *Novos Estudos CEBRAP.* São Paulo, n. 22, p. 8-28, out. 1988.
- PAIVA, Vanilda. *Produção e qualificação para o trabalho.* Rio de Janeiro : UFRJ/IEI, 1989.
- ROMELIA OÑATE, Lucrecia. Papel del documentalista en la formación profesional del trabajador social. In: INFO'97, Havana. *Anais...* Havana : [s.n.] 1997. 186ad.
- SANTOS, Milton. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional.* 3.ed. São Paulo : HUCITEC, 1997. 190p.
- TRABAL, Ana Maria Prat. CONICYT/FID/CLA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18., 27-31 jul 1997, São Luis. *Anais...* São Luis : [s.n.], 1997.

Maria da Conceição Calmon Arruda

Mestranda em Ciência da Informação, convênio CNPq/UFRJ. Bibliotecária da Procuradoria-Geral da Câmara Municipal do Rio de Janeiro

Title

Reflections of the Globalization Process in Professional Qualification

Abstract

This paper focuses on the globalization process and the impact of the new information technologies on job skills and professional qualifications. It also analyses the necessity for Latin American countries to overcome their lack of technology and personnel, as well as to adapt their information services to the reality and needs of their population.

Keywords

Globalization; New Information Technology; Job Skills; Personnel; Information Society; Professional Information

Titulo

Reflejos del Proceso de Globalización en la Capacitación Profesional

Resumen

Analiza el proceso de globalización y los cambios provenientes de la intensa utilización de la ciencia y de la técnica en la sociedad contemporánea, sus efectos en el mundo del trabajo y en la capacitación profesional. A partir de un repaso de la literatura, cuatro tópicos fueron abordados: el proceso de globalización y el Estado Nación, la "aldea global", la revolución informacional y la capacitación

profesional. El escenario parece mostrar una paradoja en América Latina, donde un grupo disfruta de los servicios eficientes técnico-informacionales y otro lucha contra la falta de recursos humanos y financieros.

Palabras-Clave

Globalización; Estado Nación; Aldea Global; Revolución Informacional; Capacitación Profesional; Profesional de la Información; Sociedad de la Información.

Artigo recebido em: 30/04/98
